

Banqueiros acham que Brasil faz acordo esta semana

Fernando Pereira

São Paulo — Banqueiros nacionais, após o almoço com o presidente do Banco Central, no São Paulo Clube, admitiram que Afonso Celso Pastore fechará contratos para novos financiamentos ao Brasil ainda esta semana, nas negociações que manterá em Nova Iorque com o Comitê de Assessoramento da dívida externa brasileira, coordenado pelo vice-presidente do Citibank, William Rhodes.

Entre os 31 banqueiros que admitiram esse fato estão Pedro Conde (presidente do BCN), Rodolfo Bonfiglioli (presidente do Auxiliar), José Luís Andrade Vieira (presidente do Bamerindus), Elmo Camões Araújo (presidente do Sogeral), Roberto Bornhausen (presidente da Febraban e do Unibanco) e José Carlos Moraes Abreu (diretor-geral do Banco Itaú). O almoço, oferecido pela Federação Brasileira de Associações de Bancos (Febraban), se realizou em um clima de descontração. Pastore fez uma análise sobre a economia nacional, tendo como principal tema a redução do déficit público, que ele denominou de programa prioritário.

Sugestões

O presidente da Febraban, Roberto Bornhausen, após o encontro deu entrevista, informando que "Pastore foi simpático e o encontro proveitoso". Revelou que o presidente do Banco Central aguarda sugestões do setor financeiro privado em relação à política da área. Mas no seu pronunciamento não tratou de questões relacionadas às operações de bancos.

— O professor Pastore está envolvido com a questão da dívida externa. Enquanto não se resolve o problema externo, o interno caminhará mais lentamente. Na área externa Pastore explicou, no seu pronunciamento, que foram iniciadas negociações com o Clube de Paris, com o FMI e com os bancos internacionais e que tudo está caminhando de forma positiva — reiterou o presidente da Febraban.

Pastore foi ao São Paulo Clube para o encontro com os banqueiros, acompanhado dos diretores da Área Bancária e de Mercado de Capitais do BC, José Miranda e Hermann Wey, respectivamente.

Bornhausen salientou que após o pronunciamento de Pastore, declarando total prioridade ao controle do déficit público, sentiu-se que "não é razoável a redução do compulsório dos bancos a curto prazo".

Salientou ainda que Pastore não fez apelo algum aos banqueiros para que manifestem apoio à Carta de Intenção entregue ao FMI.

— Pastore ressaltou que as metas propostas pelo Governo para o próximo ano são possíveis de serem atingidas, mas não conseguiremos reduzir o déficit público sem que soframos efeitos duros desse processo. Ele acredita, como nós, que o déficit público é o principal gerador de distorções na nossa economia, assim como as altas taxas de juros. Na medida em que se conseguir reduzir o déficit público, provocaremos uma inversão na curva de recessão econômica — disse Bornhausen.



Pastore (de óculos, à direita) e o grupo de banqueiros no São Paulo Clube